

EDUCAÇÃO EM MOVIMENTO: A DANÇA AFRO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO COMBATE AO RACISMO¹

EDUCATION IN MOTION: AFRO DANCE AS A PEDAGOGICAL TOOL IN THE FIGHT AGAINST RACISM

EDUCACIÓN EN MOVIMIENTO: LA DANZA AFRO COMO HERRAMIENTA PEDAGÓGICA EN LA LUCHA CONTRA EL RACISMO

ODS² a que a temática está vinculada: 10 Redução das desigualdades

Autor/a Jakson de Jesus dos Santos Lima <https://orcid.org/0009-0006-8663-0493> 

Autor/a Radija Barros Xavier 

Autor/a Diostenys Santos Silva 

Autor/a Orientador Gustavo Manoel da Silva Gomes <https://orcid.org/0000-0003-0469-0654> 

Resumo: Neste resumo expandido, compartilhamos a experiência em extensão universitária no alto sertão de Alagoas, como bolsistas/dançarinos do Equipamento Cultural da Universidade Federal de Alagoas Grupo de Cultura Negra Abí Axé Egbé, fundado em 2013, com objetivos de demonstrar como a dança afro atua como um espaço pedagógico de resistência ao racismo, em especial ao racismo religioso; de desmistificar estereótipos discriminatórios, e, de promover um diálogo transformador por meio da arte. Iniciamos com uma análise teórica, abordando conceitos como extensão acadêmica (Paulo, 2013), racismo (Almeida, 2019) e racismo religioso (Nogueira, 2019), além de apresentar o grupo Abí Axé Egbé (Gomes; Santos, 2019). Em seguida, exploramos como a dança afro se estabelece como uma expressão pedagógica no enfrentamento do racismo, integrando múltiplas linguagens e saberes. Discutimos também alguns passos de dança afro, a representação dos orixás nos espetáculos e sua importância na construção da identidade e na cultura negra.

Palavras-chave: Racismo; Racismo Religioso; Extensão Acadêmica; Dança Afro; Educação.

Abstract: In this expanded summary, we share our experience in university extension in the high backlands of Alagoas, as scholarship holders/dancers of the Cultural Equipment of the Federal University of Alagoas, Grupo de Cultura Negra Abí Axé Egbé, founded in 2013, with the objectives of demonstrating how Afro dance acts as a pedagogical space of resistance to racism, especially religious racism; of demystifying discriminatory stereotypes; and of promoting a transformative dialogue through art. We begin with a theoretical analysis, addressing concepts such as academic extension (Paulo, 2013), racism (Almeida, 2019) and religious racism (Nogueira, 2019), in addition to presenting the Abí Axé Egbé group (Gomes; Santos, 2019). We then explore how Afro dance establishes itself as a pedagogical expression in confronting racism, integrating multiple languages and knowledge. We also discussed some Afro dance steps, the representation of the orishas in shows and their importance in the construction of identity and black culture.

Keywords: Racism; Religious Racism; Academic Extension; Afro Dance; Education.

¹ Este texto é um produto de Extensão decorrente de uma exposição oral de experiência extensionista em COMUNICAÇÃO ORAL, realizada na Semana de Extensão e Cultura (SEMAEXC-2024).

² Este trabalho vincula-se ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 10 contribuir para reduzir as desigualdades e promover a inclusão social, econômica e política de todos.

³ Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão/BRASIL; Graduado em Licenciatura em Geografia; membro do Equipamento Cultural Abí Axé Egbé, pesquisador das relações étnico-raciais.

⁴ Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão/BRASIL; Graduanda em Licenciatura em História; membro do Equipamento Cultural Abí Axé Egbé, pesquisadora das relações étnico-raciais.

⁵ Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão/BRASIL; Graduando em Licenciatura em Geografia; membro do Equipamento Cultural Abí Axé Egbé, pesquisador das relações étnico-raciais.

⁶ Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão/BRASIL; Doutor em Educação. Professor do Curso de Licenciatura em História. Diretor do Equipamento Cultural Abí Axé Egbé. Pesquisador das relações étnico-raciais.

ÁREAS TEMÁTICAS: Educação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça.

Resumen: En este resumen ampliado, compartimos nuestra experiencia en extensión universitaria en el sertón alagoano, como becarios/bailarines del Equipo Cultural de la Universidad Federal de Alagoas Grupo de Cultura Negra Abí Axé Egbé, fundado en 2013, con los objetivos de demostrar cómo la danza afro actúa como un espacio pedagógico de resistencia al racismo, especialmente religioso; desmitificar los estereotipos discriminatorios y promover un diálogo transformador a través del arte. Comenzamos con un análisis teórico, abordando conceptos como extensión académica (Paulo, 2013), racismo (Almeida, 2019) y racismo religioso (Nogueira, 2019), además de presentar al grupo Abí Axé Egbé (Gomes; Santos, 2019). A continuación, exploramos cómo la danza afro se consolida como expresión pedagógica para enfrentar el racismo, integrando múltiples lenguajes y saberes. También discutimos algunos pasos de danza afro, la representación de los orixás en espectáculos y su importancia en la construcción de la identidad y la cultura negra.

Palabras-claves: Racismo; Racismo religioso; Extensión Académica; Danza Afro; Educación.

Introdução:

Nesse trabalho consideramos o grupo Abí Axé Egbé como uma ação de extensão acadêmica a partir do conceito de Paula (2013), tendo em vista que o grupo proporciona atividades de natureza interdisciplinar, normalmente realizadas além das salas de aulas, estando voltadas para a propagação de conhecimento e formação de um público amplo e heterogêneo, que convoca a universidade para o aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social.

O grupo que foi formado a partir de um projeto de extensão acadêmica proposto em outubro de 2013, foi elevado à categoria de Equipamento Cultural da UFAL em janeiro de 2018 e tem como principal objetivo o combate ao racismo por meio de ações de pesquisa, ensino, extensão, publicações e apresentações artísticas. O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (Almeida, 2019).

O racismo é um saber, um valor moral, ético, estético e político que produz a subalternização de corpos e subjetividades negras no Brasil. Isso se expressa também quanto às religiões de matrizes africanas. Nesse sentido, especificamente, Nogueira (2019) afirma que se trata de racismo religioso: a discriminação negativa que não incide somente sobre pretos e pretas afro-religiosos, mas também sobre as origens da religião e sobre os seus locais de culto, objetos, símbolos, práticas, crenças e rituais.

Nesse trabalho destacamos as atividades artísticas do grupo, mais especificamente a expressão da linguagem dança, a qual exercitamos, e que, em nossas apresentações, é dividida em dois momentos: Primeiramente as danças dos orixás, pelas quais trazemos representações das divindades iorubás cultuadas nas religiões brasileiras de matriz africana, trazidas como legado cultural e ancestral de África com os pretos escravizados. Pelo fato de sermos uma sociedade violentamente fundada na colonização europeia e na contra-reforma católica, essas divindades que fogem dos padrões hegemônicos foram/são muitas vezes demonizadas. Trazer essa representação religiosa aos espetáculos

ÁREAS TEMÁTICAS: Educação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça.

é uma ótima oportunidade de promover o combate ao racismo religioso, ou seja: de criar aprendizagens e debates decoloniais para reeducar nossa sociedade para as relações étnico-raciais pelo prisma do respeito e da valorização. Em um segundo momento apresentamos diversos passos, gestos e coreografias das danças afro-brasileiras executadas aos ritmos: ijexá, samba-reggae, danças tribais etc. Todos esses movimentos têm seu devido significado e importância, pois representam memórias, resistências, força, empoderamento, celebração da raça e da cultura negra e, através disso empolgam tanto aqueles que dançam quanto os que assistem. Associados com músicas cujas letras falam em combater o racismo, orgulho e representatividade negra, a dança é uma forma de experimentar a vida pelos saberes, narrativas, força, beleza e poder negros.

Metodologia:

As danças afro do Abí Axé Egbé estão organizadas em função da própria metodologia usada no grupo, a partir de uma experiência de aprendizagem cosmosensível e coletiva (OYEWUMÍ, 1997), mas partindo da premissa de combate ao racismo (ALMEIDA, 2019) e do racismo religioso (NOGUEIRA, 2019).

Através de pesquisas, rodas de conversa, oficinas de dança, contação de histórias, problematização e explicação, ensaios, acolhimento, incentivos, empoderamento, partilhas e apresentações, o Abí Axé Egbé como grupo de cultura negra, possui uma cosmovisão própria, atua como um agente de construção e circulação de saberes que reinterpretam a cosmologia africana e os modos de conhecimento, sensibilidade e lutas negras, evidenciando a percepção de mundo que orienta as práticas culturais e sociais dessa categoria social racialmente demarcada na história do Brasil.

Desta forma, por meio da abordagem artística da dança afro, intentamos combater o racismo estagnado na estrutura social que afeta as identidades negras e as formas de organização dos povos negros, bem como o estigma religioso enfrentado pelas religiões de matriz africana.

Resultados e Discussão:

A partir do contexto cultural conservador do alto sertão alagoano, o papel desenvolvido pela dança afro no Equipamento Cultural Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé, tem se evidenciado de maneira relevante como: 1) legado e expressão ancestral de resistência ao racismo, sobretudo, ao racismo religioso; 2) dispositivo epistemológico, sensível, ético, estético e político de empoderamento; e, 3) experiência significativa de aprendizagens interdisciplinares. Repercutem-se a

ÁREAS TEMÁTICAS: Educação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça.

valorização e o empoderamento negro, além de reestabelecerem-se e afirmarem-se publicamente alguns símbolos culturais incessantemente marginalizados. Cada momento das apresentações artísticas destaca referências importantes nas lutas antirracistas: das danças dos orixás, os passos e coreografias das danças afro: ijexá, samba-reggae, tribais etc. emergem deslocamentos, aprendizados e posturas significativas na desconstrução dos estereótipos e segregação racial. Os orixás, são apresentados como divindades da natureza, que deve ser preservada, força política e ancestralidade sensível, rompendo com as ideias da demonização que ainda estão enraizadas no contexto social. As demais danças afro lembram dos compromissos de lutas e convidam à valorização, orgulho e celebração da negritude, elevando a autoestima de pessoas negras. A ressignificação cultural promove algo transformador entre o público e os bailarinos, exibindo a importância da dança como ato pedagógico criativo, sensível e mobilizador.

A dança afro fortalece o orgulho racial e a autoafirmação. Integrados em performances de uma poética política afrocentrada no Brasil, ritmos, músicas e danças não somente enaltecem a cultura negra, mas, também, proporcionam benefícios físicos e emocionais para a saúde, como aumento da consciência e resistência corporal, condicionamento físico e flexibilidade. A junção dos movimentos com as músicas de representatividade, reafirma as características culturais da resistência e o empoderamento, recriando expressões e memórias de orgulho do corpo negro, enaltecendo ainda mais a força e a sua beleza.

Outro ponto fundamental é a luta contra o racismo religioso. A dança afro, ao incorporar os saberes ancestrais das religiões de matriz africana, como a representação dos orixás, tensiona os preconceitos cristalizados, reeducando o público sobre a relevância das tradições culturais e religiosas na perspectiva sensível das próprias cosmologias negras. Esta abordagem, que une arte, ciência, política e educação, demonstra o potencial transformador que tem a extensão acadêmica e a cultura popular, fomentando uma sociedade mais empoderada, crítica, inclusiva, respeitosa e democrática.

Os meios que a UFAL tem experienciado na extensão universitária através do Equipamento Cultural Grupo de Cultura Negra do Sertão Abi Axé Egbé, ultrapassam os muros da universidade, pois alcançam um público amplo e diverso (tanto de maneira presencial, como virtual através da produção de conteúdos digitais que publicamos em nossas redes sociais digitais como Instagram e You Tube). O impacto das atividades vai além das apresentações artísticas, pois promove uma reflexão crítica sobre o racismo e suas diversas manifestações. Assim, o grupo de cultura negra, reafirma o papel da universidade como agente de transformação social, dando ainda mais destaque às ações levadas para

ÁREAS TEMÁTICAS: Educação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça.

serem debatidas com as diversas comunidades, contribuindo, assim, para o fortalecimento dos povos negros.

Considerações finais:

O Abí Axé Egbé comprova que a dança afro é muito mais do que expressão artística; é uma tecnologia ancestral de resistência e transformação social. Suas práticas valorizam a cultura negra, promovendo a aceitação e o empoderamento dos corpos negros que desafiam os preconceitos raciais e religiosos. Ao interseccionalizar arte, ciência, política e educação a partir do alto sertão alagoano, o grupo contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde as identidades negras são celebradas e respeitadas. A continuação desse projeto é primordial para a inspiração de novos grupos de cultura negra e para manter viva as lutas contra o racismo em todas as suas ramificações.

Referência:

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. 3ª reimpressão. São Paulo: Ed. Pólen, 2019. 264 p.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Editora Pólen, 2020. 160 p.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **The Invention of Women: Making an Afrian Sense of Western Gender Discourses**. Minneapolis: University of Minnesota, 1997.

PAULA, João. **A extensão universitária: história, conceitos e propostas**. Interfaces – Revista de Extensão, Belo Horizonte, v. 01, n 01, 2013.

SANTOS, Ellen Cirilo; Gomes, Gustavo Manoel da Silva. **Ser(tão) negro com o Abí Axé Egbé: estudos e pesquisas interdisciplinares sobre as presenças negras no sertão alagoano**. Maceió: Edufal, 2019. 199 p.